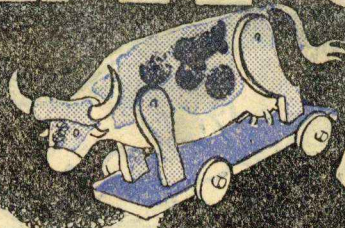


# PIM-PAM-PUM!

DIRECTOR  
AUGUSTO DE SANTA-RITA

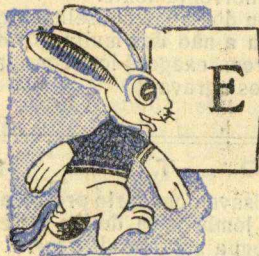
ANO XIII  
N.º 647



SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL  
**LO SECULO**  
ARANDO

## A R A P O S A C H O R A M I N G A S

por FRANCISCO do CARMO COSTA



RA uma vez uma raposa tão es-  
perta que o lobo mais feroz, dos  
arredores da sua toca, abran-  
dava em muito a sua ferocidade  
para lhe vir pedir a honra dum  
bom conselho.

Ora, um dia, a raposa dei-  
xou-se tomar de preguiça e, para  
se desculpar, pôs-se a dizer aos  
rapozinhos que se sentia muito  
cansada.

Um dos rapozinhos disse:

— «Não faça caso que isso

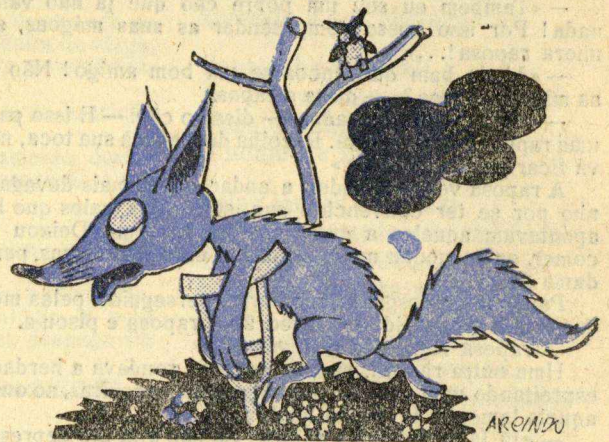
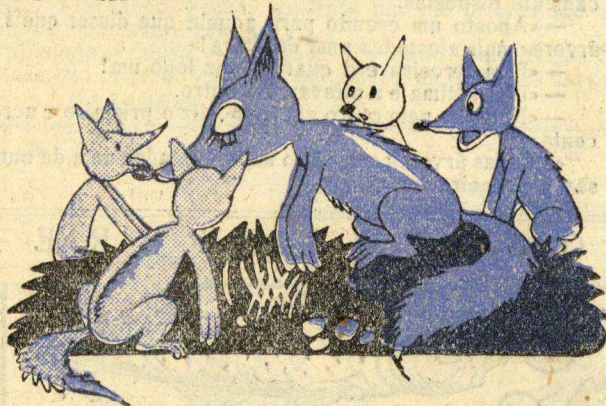
daqui a pouco há-de passar.»

Um outro rapozinho foi desta opinião:

— «Se tem alguma cousa a fazer, deixe-se ficar des-  
cansada, que eu vou em seu lugar.»

E um outro, que era o mais velho, foi dêste parecer:

— «É bom arranjar as cousas de maneira que os ani-  
mais, nossos vizinhos, não digam que houve, um dia, uma  
raposa que se deixou vencer pela tristeza.»



o seu modo de rir e passava adiante. Desta vez, não foi  
assim. Parou e começou, muito satisfeita, a lamentar-se,  
porque o que ela queria era encontrar com quem desa-  
bafar.

— «Tem razão, amigo môcho. Ando muito apoquentada.  
Como adivinhou? Bem se vê que é muito inteligente!»

O môcho, muito vaidoso, perguntou:

— «E de que é que a senhora raposa sofre?»

A raposa, que só queria lamentar-se, disse:

— «Não sei bem o que tenho. Custa-me andar.»

O môcho podia simplesmente dizer o que já haviam  
dito os rapozinhos, mas, como não queria perder tão boa  
ocasião de se poder gabar de que era tão inteligente que  
até dava conselhos a raposas, mostrou-se muito penalizado  
e disse:

— «Tem vocemecê muita razão. Eu, no seu caso, nem  
tinha tanta coragem.»

A raposa ficou tôda contente e, sempre com a mania de  
se lastimar, acrescentou:

— «Então já o senhor môcho sabe o que é o meu mal?»

— «Eu não lh'o queria dizer!—respondeu o môcho.— Mas,  
quando se chega ao seu estado, embora meta muita afli-  
ção, entendo que devo ser franco. Bem se vê que as suas  
pernas estão muito atacadas pela doença...»

— «Muito obrigada, — disse a raposa. — Vou-me arras-  
tando, a ver se encontro quem me dê remédio.»

Se a raposa pensasse bem, muito se havia de rir das  
palavras do môcho, mas, como só queria encontrar razões  
para se lamentar, convenceu-se de que, realmente, tinha  
qualquer achaque nas pernas e foi andando, andando, a  
procura de quem a animasse com boas palavras.

A raposa, que se estivesse cansada ficaria repousando  
e não deixaria de se mostrar tranquila com os conselhos  
sensatos dos rapozinhos, não fez caso do que êles disseram  
e respondeu:

— «Vou passear. Preciso de me distrair.»

Dizendo isto, saiu da toca.

Foi andando, andando, até que encontrou, empoleirado  
numa árvore, um môcho.

Tôdas as vezes que o môcho via uma raposa, costumava  
dizer:

— «Onde vai tão apoquentada?»

A raposa punha-se a regougar em repenicado, que era





APCINDO

28

Mais adiante, encontrou um enorme cão de guarda. O cão ficou muito admirado de que a raposa não se mostrasse mais matreira e chegou a duvidar de que ela fôsse uma raposa.

— «Faz bem em não se incomodar, disse a raposa ao cão. Eu já não valho nada. Nem posso já correr. Sou um pobre bicho digno de compaixão. Faz bem em não me atacar...»

— «Também eu sou um pobre cão que já não valho nada! Por isso posso compreender as suas mágoas, senhora raposa!...»

— «Ainda bem que encontro um bom amigo! Não vê as minhas pernas?» — disse a raposa.

— «Estão muito inchadas!» — disse o cão. — E isso para uma raposa é a sua morte. Recolha depressa à sua toca, não vá ficar pelos caminhos.»

A raposa voltou a andar, a andar, agora mais devagarinho por se ter convencido que sofria dos males que lhe apontavam aqueles a quem se fôra lastimar. Deixou de comer, enfraqueceu muito e, por fim, caiu sem forças, perto duma herdade.

Para maior desgraça, um burro, perseguido pelas mós-cas, fugiu espavorido em direcção à raposa e pisou-a.

A raposa regougou aflitivamente.

Uma outra raposa, que, escondida, rondava a herdade, espreitando uma ocasião para atacar as capoeiras, ao ouvir aquele lamento, teve esta lembrança:

— «Já lá anda outra raposa! Se não vou tão depressa, fico sem jantar... Se ela deu sinal de si, é porque não tem medo... Portanto, a caminho...»

Foi andando, andando, e encontrou a outra raposa. Esta, ao vê-la, disse:

— «Ainda bem que a vejo, querida companheira! Bem preciso de quem me anime. Sou muito desgraçada. Ainda há pouco um burro, oiça bem, um burro teve o atrevimento de me pisar.»

A outra raposa que só pensava na sua vida e não queria distrair-se com a dos outros, não fôsse acontecer che-

gar tarde as capoeiras, disse com fingida compaixão: — «Vou retirar. Se ficasse perdia as forças. Custa-me muito ver estas cousas...»

A infeliz raposa ali ficou sozinha.

No dia seguinte, trazido pelo fardo, apareceu um cão. Atrás, muito confiantes, vieram galinhas. E até estes inofensivos animais, sempre tão medrosos e tão perseguidos pela raposa, começaram a picá-la pachorrentamente.

Só então a raposa se lembrou dos bons conselhos dos rapozinhos, que lhe aconselharam a não dar muita importância aos seus males passageiros, exagerá-los com lamúria própria e alheia que mais os agrava.

Mas já era muito tarde.

A N E D O T A S

Um estudante, que não simpatizava com certo professor, ao passar-lhe um dia pela casa, lembrou-se de lhe meter, por baixo da porta, um papel com a palavra «Burro».

No dia seguinte, o professor entra na aula, senta-se e começa:

— «Antes que me esqueça, devo agradecer ao meu aluno a amabilidade que teve ontem de me ir deixar o seu cartão de visita!»

Meia dúzia de passeantes, atravessando um bosque, vêem, a pequena distância, um renque de árvores muito simetricamente dispostas.

— «Aposto um escudo para aquele que disser quais as árvores mais afastadas uma da outra!»

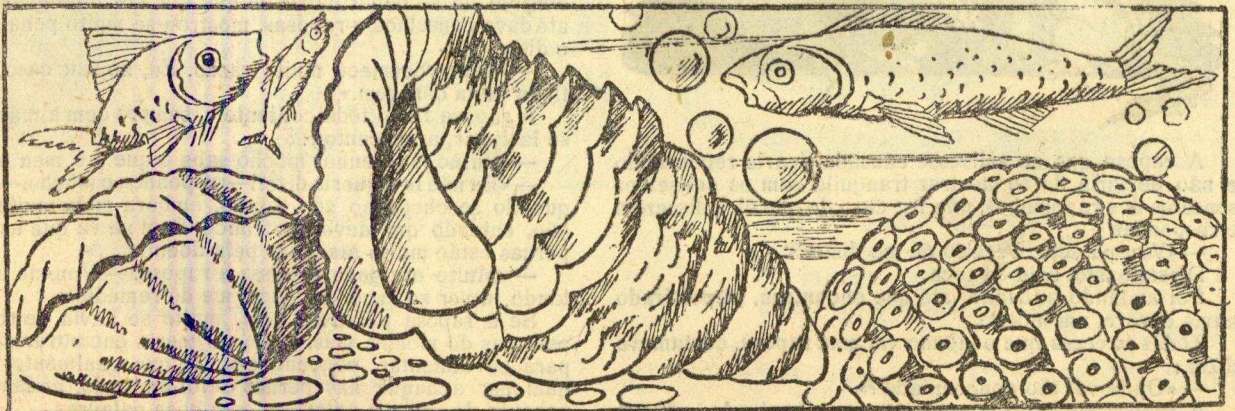
— «E' a terceira e a quarta», diz logo um!

— «E' a sétima e a oitava», diz outro.

— «Nem um nem outro acertou», diz o primeiro e acrescenta:

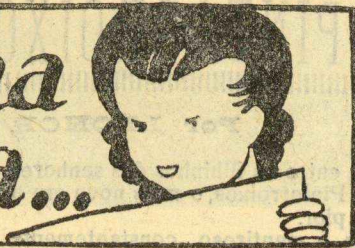
«As duas árvores que estão mais afastadas uma da outra, são a primeira e a última!»

P A R A O S M E N I N O S C O L O R I R E M





# Lê, minha menina...



Por GRACIETTE BRANCO

Minha querida menina portuguesa  
Eis-me, novamente, em tua frente, a conversar contigo, com os olhos pousados no teu rosto ingénuo e alegre e as mãos cruzadas no regaço, em gesto de repouso.

O Sol queima; as vidraças da minha janela estão doiradas e ardentes; passam automóveis, na rua, a buzinar; uma borboleta branca, a fugir ao calor sufocante, bate as asas junto ao canteiro florido da minha varanda...

E há um prazer imenso em ficar, aqui, no fresquinho das nossas casas, com as persianas meio descidas e um ar de tranquilidade no ambiente.

Menina portuguesa, aprecia a tua casa, o templo onde tu és santa, o palácio onde tu és rainha.

Aprende a ter amor, — um amor consciente e profundo — às quatro paredes brancas da tua casa.

Ela é o teu abrigo, o teu conchêgo, o teu conforto. Chove lá fóra; o temporal ruge, bravo?... Vens a correr para casa e soltas, num sorriso vencedor e feliz, um suspiro de alívio ao transpor o seu limiar.

Lá fóra, o calor amolece os corpos, crestando as epidermes, devorando as energias?... Vens a correr para casa e estendes-te, feliz, numa cadeira de vêrga, com a janela meio cerrada, deixando entrar, do lado da sombra, uma réstea-zinha de aragem.

Estás triste e queres que o ignorem? Vens a correr para casa e, na discrição das suas paredes protectoras, deixas correr as lágrimas.

Estás alegre? Cantas, ris, falas em voz alta, despreocupadamente, desevoltamente, e, as quatro paredes brancas da tua casa, jamais censurarão a tua exuberância.

Oh, minha querida menina portuguesa!

¡A tua casa! Aprende a amar a tua casa! Deves pô-la ao mesmo nível das tuas mais caras afeições.

E agora, que já conversámos um pouco, na tranquilidade do meu escritório, cujo silêncio é apenas cortado pelo tic-tac simpático dum relógio e pelo ruído rápido do aparato a correr sobre esta fôlha branca de papel, despeço-me de ti, com muitas lembranças e um afectuoso

até breve. GRACIETTE

## CORRESPONDÊNCIA

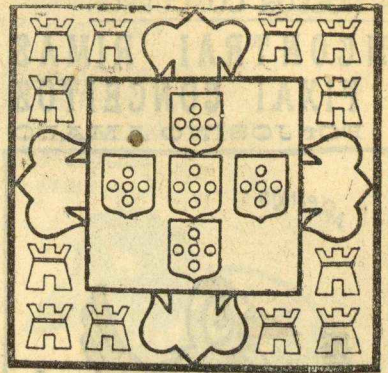
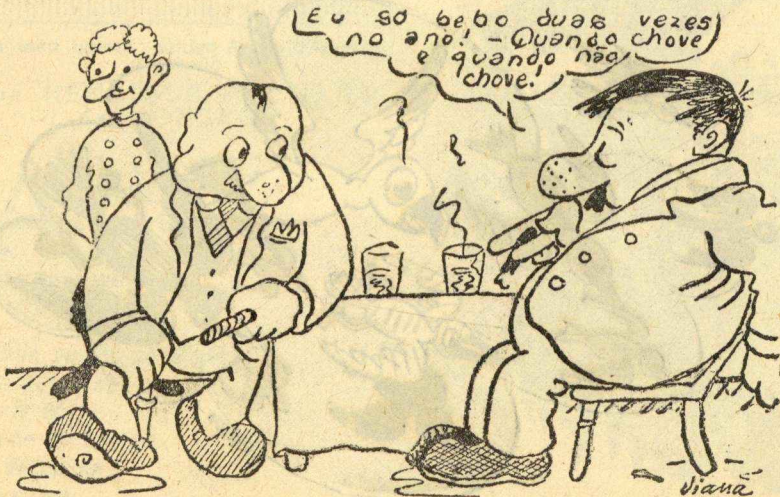
Maria Clementina Pedrosa — Obrigada pelos teus versos que vou guardar como recordação. Fiquei contente por me dizeres que já comes a sopa. Beijinhos e continua a escrever.

Rosinha — Lousã. — Obrigada. E's muito gentil. Ainda bem que estás menos gulosa. No próximo número responderei ás restantes cartinhas.

Saúdaes

GRACIETTE

## A ANEDOTA ILUSTRADA



## MOCIDADE PORTUGUESA

Por GRACIETTE BRANCO

«Mocidade Portuguesa»  
de blusa verde — esperança,  
evangelho onde a criança  
aprende a ser portuguesa!

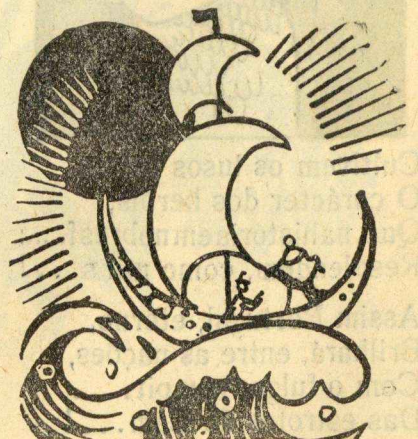
Rapazinho marcial!  
E's um valente; — eu aposto!  
Tens estampado, no rosto,  
o nome de Portugal!

Pelas longas avenidas,  
passas, em tarde serena...  
Tua figura pequena  
simbolisa muitas vidas!

Heróicas, honrosas listas;  
Vasco da Gama, Coutinho,  
Nuno, Albuquerque, Mousinho,  
descobertas e conquistas!

O teu fardamento encerra  
Portugal todo gravado,  
a blusa; — o verde do prado!  
o calção; — a côr da terra!

Rasga, bem fundo, o teu peito,  
corre sangue?! Não faz mal!...  
E põe, lá dentro, com jeito,  
o nome de PORTUGAL!





OS NOSSOS CONCURSOS

**ENCONTRAI RIMAS  
E FIXAI CONCEITOS**  
Por JOSINO AMADO



«Quem há-de ser passarinho»,  
Diz um rifão singular,  
«Nasce-lhe logo biqu....  
E asitas para vo...!»

Certo. Porém, trabalhando,  
Com vontade e persistência,  
Podereis ir melhor....  
As asas da intelig.....!



Cultivem os lusos peitos  
O carácter dos heróis,  
Que, nahistóriaem nobresf.....!  
Resplendem, como mil s....!

Assim Portugal, eterno,  
Brilhará, entre as nações,  
Com o fulgor sempit....  
Das estrofes de Cam...!

# O PINTARROIXO TRAMPOLINEIRO

Por LEONOR DE CAMPOS

**D**E entre os filhinhos dos senhores Pintarroixos, o mais novo era o pior.

Mau e mentiroso, constantemente arreliaava os pais, os vizinhos, os irmãos...

Logo que o primeiro raiozinho de sol, espreitava por entre os ramos das árvores, os papás Pintarroixos saíam do ninho e encetavam a sua faina diária, á procura de bichinhos e outras guloseimas, para alimento dos seus meninos.

Os pintarroixos pequeninos despertavam, então. Abriam os olhitos, estendiam as asas e logo desatavam a piar:

— «Temos fome!... Muita fome!... Vênham bichinhos!... Venha a papiinha!...»

Quando, daí a pouco, os papás Pintarroixos apareciam com o almôço, era uma festa!... Comiam tudo e, no fim, saciados e contentes, gritavam alegremente:

— «Vivam os paizinhos Pintarroixos!... Vivam!...»

Só o maroto do mais novo ficava silencioso. Apenas sentia o papo cheio, em mais nada pensava senão nas maldades e partidas que, nêsse dia, tinha que fazer.

E, pouco depois, em volta dele, só se ouviam gritos e protestos daqueles a quem escolhera para vítimas.

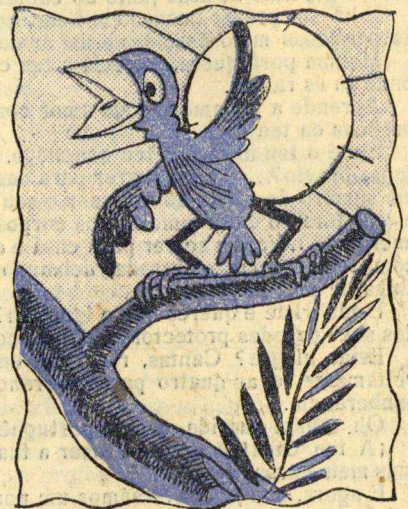
A sua partida predilecta era assustar os irmãos e alarmar os vizinhos. Para isso, gritava, de vez em quando: — «Acudam!... Socorro!... Vem aí o milhafre!...»

Imediatamente, de todos os cantos da floresta, acorriam aves, grandes e pequenas, para defenderem, do perigo, os filhos dos simpáticos Pintarroixos — família muito considerada e estimada.

Vinha o melro saltarelo  
com o seu bico amarelo;  
Senhor Pássaro Ferreiro,

e o Pica-pau, mui guerreiro;  
A Rolinha e o seu Rôlo,  
Ela, vaidosa, êle, tôlo;  
Periquito Verde-gaio,  
e também o Papagaio...  
Cem pardocas, mil Pardais  
E outras mil aves que tais...  
Vinham todos, a correr,  
p'ra a família defender!...

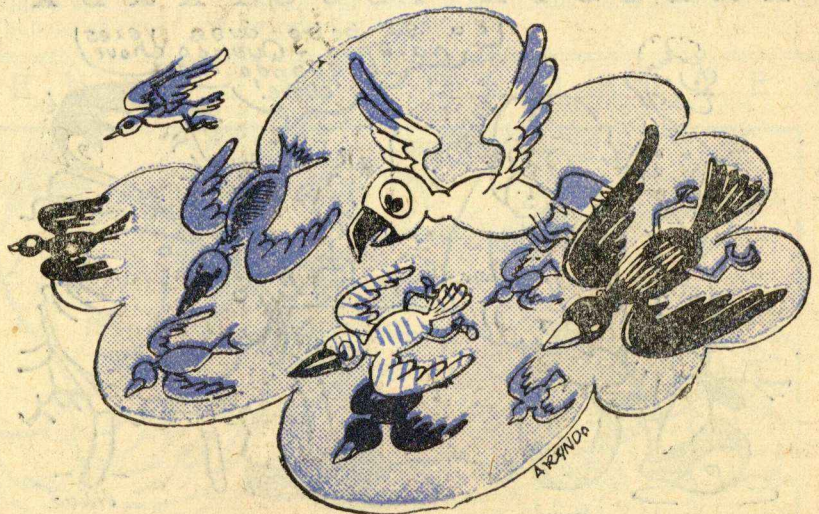
Divertidissimo, o Pintarroixo pequeno, deixava-os aproximar. E quando chegavam junto dele, o tram-



polineiro empoleirava-se na beira do ninho e a rir, a rir, descaradamente, catarolava:

O Pintarroixito,  
alegre e gordito,  
milhafre não viu!...  
Chiu-chiu-cherriu-chiu!...  
Toda a vizinhança  
veio sem tardança...  
O pai e a mãe  
vieram também!...

(Continua na página 8)







# COSTUMES PORTUGUESES

## TIPOS DE BARCELOS



Barcelos, terra do Minho  
de cantos e de oferendas,  
de bom trigo, de bom vinho,  
de bordados e de rendas.

Eles: — chapéus desabados,  
calça justa, quási em bico,  
faixa rubra e páu ferrado,  
com que vão ao bailarico.

Elas de saia rodada,  
caíndo sôbre as tamancas,  
com grande barra encarnada,  
e blusa com rendas brancas.

Estavam  
E abundavam.

Mas, a-pesar-de rica,  
E da larica  
Matar, quando a tinha,  
Era daninha  
E avara...



Não dava  
Ao pobre  
Que a buscava,  
Um cobre.

E, numa tarde,  
Daquelas em que o Sol  
Arde  
Como uma brasa,  
Acercou-se-lhe da casa  
Confortável,  
Um rouxinol  
Que, com voz magoada  
E rouca, disse  
Com meiguice:

— «Senhora D. Cotovia,  
Eu vinha

(Continua na página 6)

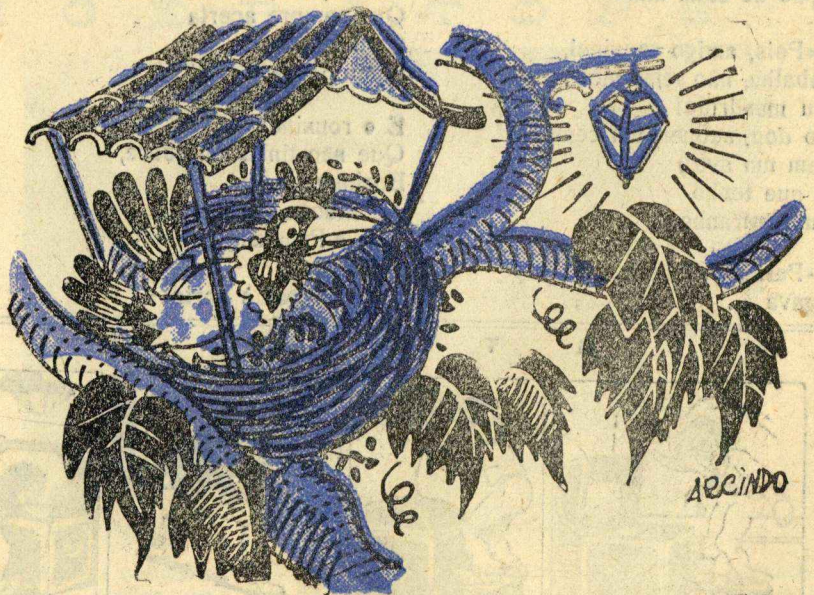
## MALDADES DO MUNDO

Ao meu querido amigo Ant6nio Gomes Machado

por HENRIQUE MACHADO da FONSECA

**A** D. Cotovia  
Vivia,  
Alegre e contente,  
No seu ninho tão quente,  
Que causava inveja  
A t6da a gente.

Tinha vastas possess6es:  
Ali à porta:  
— A horta,  
Onde os feij6es  
E as fartas  
Lagartas



ARCINDO

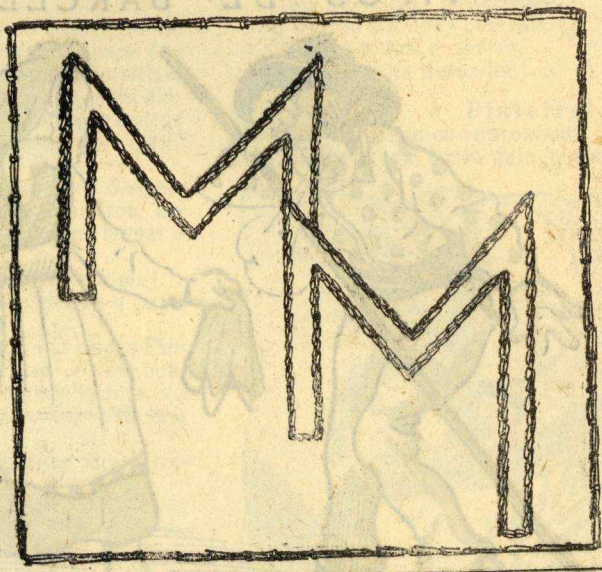




**Secção para meninas**  
**Por ABELHA MESTRA**

Maria Manuela:

Apresento-te, hoje, o emblema que me pedes, no tamanho em que deve ser bordado, e espero que ele vá a tempo de poderes ainda aplicá-lo no teu fato de banho.  
Como o teu fato é prêto, qualquer côr, como seja o encarnado, amarelo, verde, azul forte, côr de laranja, etc. ficará muito bem.  
Uma vez escolhida a côr e a linha, que deve ser *filoselle* lavavel, bordas com ela o contôrno e fazes ainda outra carreira junta, em ponto cadeia. Depois, em carreiras sempre unidas, vais enchendo o meio com *filoselle* branca, obtendo, assim, um lindo conjunto, que darâ imenso realce ao monograma.  
E agora ainda te quero dizer que faço sinceros votos para que te divirtas bastante na praia e côlhas nela os melhores resultados.



Tua muito amiga

Abelha Mestreira

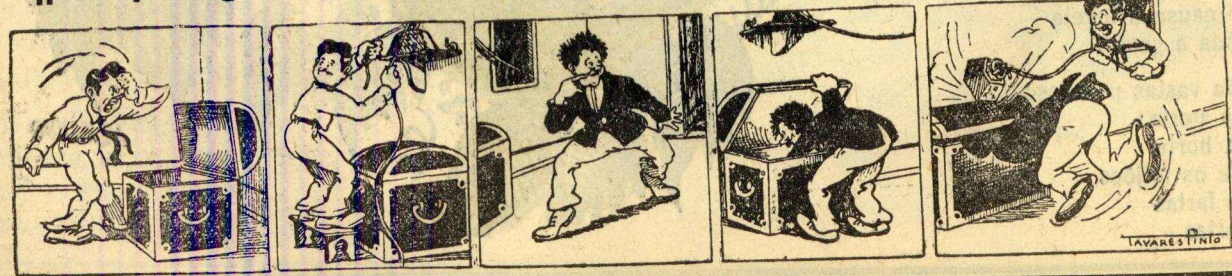
**MALDADES do MUNDO** — (Continuado da página 5)

Pedir a Vossa Senhoria  
Um nadinha  
De pão  
P'ra matar a fome  
Que me consome.  
  
Uma constipação  
Levou-me a voz que eu tinha  
E com a qual ganhava  
O pão de cada dia.»  
  
— «Pois, amigo rouxinol,  
Trabalha, não sejas mole,  
Meu mandrião!  
Não dou, sequer, um centavo,  
(Nem um avo!)  
Do que tenho  
A um estranho.»  
  
— «Perdão, senhora...  
Julgava...

Mas lá virá um dia,  
D. Cotovia!...  
.....  
Os anos rodaram  
Vertiginosos;  
E as coisas tôdas mudaram.  
Sucedeu  
Que a D. Cotovia,  
Que tinha muito de seu,  
Por capricho do Destino,  
Que sempre acerta  
Com mão certa,  
Ficou pobre.  
  
E o rouxinol,  
Que não tinha um cobre,  
Enriqueceu.  
Aconteceu, também,  
Que a Providência  
Ainda quiz  
Que batesse à porta

Daquele que fôra pobre,  
Um dia,  
A cotovia  
Que já vivia  
Vida atribulada  
E embrulhada.  
  
Então, o rouxinol  
Falou-lhe...  
Prégou-lhe  
Esta lição de moral:  
— «Aquele que pratica o mal,  
Cêdo ou tarde, paga  
E repaga,  
De vez,  
Com afronta  
De maior monta,  
O que fêz.»  
.....  
O mundo dá muita volta,  
Meninos basta dizer,  
que a vida é onda revôlta...  
Ninguém sabe onde vai ter!

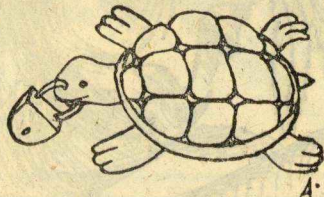
**H I S T Ó R I A M U N D A**



TAVARES TINTO

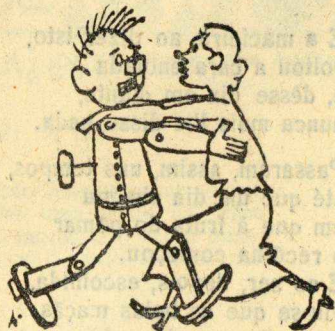


# Curiosidades



Entre os animais que podem jejuar durante longo tempo, podem-se incluir as tartarugas.

Foi observado um destes bichos na ilha de Hilo (Arquipélago de Hawaii) e verificou-se que esteve 500 dias sem tomar qualquer alimento! Sempre gostava de saber se há, entre os nossos amiguinhos, algum capaz de semelhante proeza.



O senhor James Quimper, mecânico inglês de Ohio, acaba de expor, recentemente, em New-York um automóvel especialmente destinado... (vejam que patusco!) a dansar!

Na Alemanha houve também um senhor qualquer que inventou outro autômato, não menos extraordinário; este curioso invento mecânico, canta, assovia e responde a quem lhe perguntar, dando a hora exacta!!

## CONCURSOS QUIZENAIS DE POESIAS E CONTOS INFANTIS

**RECTIFICAÇÃO:** — Na decisão do Juri, relativa à 6.ª quinzena dos nossos Concursos, foi classificado com menção honrosa o conto: — *As duas irmãs*, de Carlos Amor que publicamos no nosso número 643. Ao seu autor rogamos que nos desculpe a falta do seu nome e do respectivo conto na lista dos classificados.

Rogamos a José Português, autor de conto: — *El-rei Leão*, o favor de nos enviar, urgentemente, a sua morada, para assunto de mútuo interesse.

Para assistir à coroação de George VI, um rei negro, Yeth III, do país de Barotesé (Africa do Sul) viajou durante intermináveis semanas. Desceu 550 quilómetros sobre o Zambéze, a bordo de uma frágil piróga, depois do que tomou um paquete que o transportou a Inglaterra. Era a primeira vez, durante toda a sua vida, que este soberano preto punha os seus reais pézinhos sobre um transatlântico.



Que ditado muito popular está representado neste desenho?

### ANIMAIS PRE-HISTÓRICOS — ANTI-DILUVIANOS

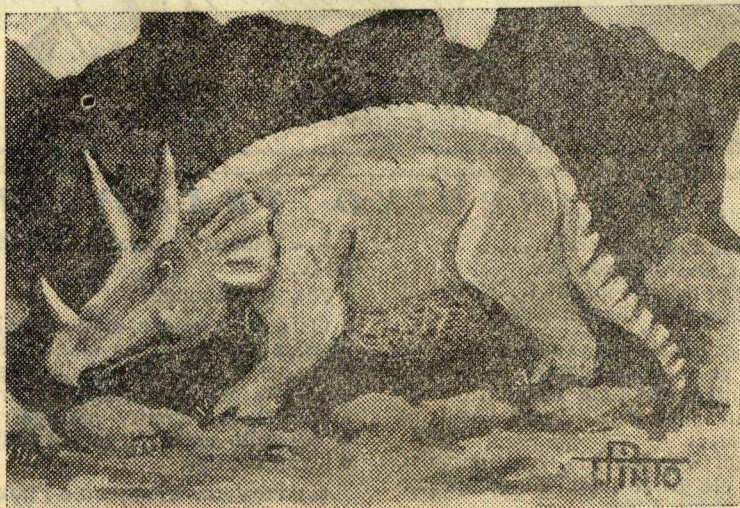
## O T R I C E R A T O P S

Aqui tendes, hoje, um outro bicharoco horrível, que já desapareceu, há muito, felizmente, da superfície terrestre; e digo felizmente porque, além da sua fealdade, era um animal terrível, de grande ferocidade, batendo-se com espantosa violência com os outros bichos seus contemporâneos. Isto presume-se, porque, além de ter um corpo maciço, reforçado, como se vê na figura, era dotado dum aparelho de defeza, constituído por três chifres implantados numa enorme cabeça de dois metros e mais, os quais deviam ter constituído para este monstro, uma arma formidável.

Tem, como se verifica, algumas semelhanças com o rinoceronte actual, de que talvez seja o antepassado ancestral mas era muito maior, é claro, atingindo mais de oito metros.

Os seus maxilares eram providos de pequenos dentes e — circunstância curiosa — quasi que não tinha ouvidos.

Os animais primitivos, eram, como quem diz, o esboço informe e mal



talhado dos actuais, faltando mesmo, nalguns, órgãos que os de hoje possuem.

Mas, como vêem, este «senhor», a-pesar do seu ar risonho, não era para graças. Livra!...



## FÁBULA

por FELIZ VENTURA

**N**UM pomar muito frondoso, uma certa macieira disse, com modo orgulhoso, um dia, a uma noqueira:

— «Quê frutos sempre tão feios que tu nos mostras, amiga; fico, às vezes, quási muda sem saber o que te diga. Pois são tão desengraçados na sua casca enrugada que até dão vontade, às vezes, de romper á gargalhada.

Olha os meus que são tão lindos a comparar com os teus, parece, até, que êles foram abençoados por Deus.

Sua pele, avermelhada, cobre a pólpa assucarada que é de todos preferida.

Agora, os teus, que arrelia, té desfeiam o pomar!



Se eu fôsse a ti, já me tinha ido p'ra outro lugar.»

E prosseguiu, desdenhando, até que a outra, irritada, lhe disse, cheia de linha:

— «Não seja tão malcriada! Porque se mete comigo, sem nada lhe perguntar?! Deixe-se estar sossegada, que ninguém lhe vai tirar tôda essa grande valia que tem estado a apregoar!»

E a macieira, ao dizer isto, voltou a cara enojada e, dêsse dia em diante, nunca mais lhe disse nada.

Passaram, assim, uns tempos, até que um dia chegou em que a fruta do pomar a recólha começou. E ao ser, depois, escolhida, viu-se que as belas maçãs, por todos consideradas as mais belas do pomar, estavam tôdas furadas e de gôsto tão azedas que ninguém pôde tragar.

E que as nozes, mesmo feias, de manto escuro enrugado, eram tão boas, tão sãs que deixou tudo pasmado.

Na verdade, às aparências ninguém deve dar valor. O que é bonito por fóra às vezes só tem bolor.

## O PINTARROIXO TRAMPOLINEIRO (Continuado da página 4)

Mim tudo enganou!...  
Ai, muito gostou!...  
Mim mentiu, mentiu!...  
Chiu chiu cherriu chiu!...

Indignadíssima, se retirava a bicharada, protestando contra a maldade do Pintarroixo. Êste apanhava umas bicaditas dos pais... mas não tinha emenda...

Tanta vez fez isto que, por fim, podia êle gritar á vontade que já ninguém o acreditava.

E um dia...

Um dia apareceu, realmente, o Milhafre. O Pintarroixito, gritou, desta vez, com razão:

— «Acudam! Acudam!... O Milhafre!...»

Ninguém acudiu.

Os outros irmãos, muito encolhidinhos, a um canto do ninho, nem se atreviam a piar. Só aquele gritava e barafustava. E, assim, chamou para êle a atenção do Milhafre que, agarrando o passarito entre as garras aduncas, o levou consigo.

E nunca mais apareceu o Pintarroixito que, por ser mau e trampolineiro, mentiroso e escarneckedor, sofreu uma triste sorte...

E' isto precisamente o que sucede,

no mundo dos homens, aos meninos mentirosos e maus.

Divertem-se muito a enganar os outros, até chegar um dia em que sofrem um horroroso mas justo castigo...

*Mim*